

SISTEMA FAEP



BOLETIM

INFORMATIVO

A revista do Sistema

Ano XXIV nº 1322 - 19/10/2015 a 25/10/2015

Tiragem desta edição 25.000 exemplares

TRIGO

HORA DE PENSAR NO LONGO PRAZO

LEITE

Sul supera Sudeste e é a maior bacia do país

CAFÉ

Paranaenses na Final do Cup of Excellence



FALTAM
200
DIAS PARA O
TÉRMINO DO PRAZO

Aos Leitores

Na semana passada, a economia brasileira recebeu mais uma notícia ruim: outra agência de classificação de risco (desta vez a Fitch) rebaixou o Brasil. Menos mal que o país ainda está na categoria chamada de “grau de investimento” pelas contas da tal agência. Mas o fato trouxe consequências imediatas sobre o mercado de câmbio, fazendo o dólar subir um pouco mais e trazendo mais incertezas para o nosso dia a dia.

Se na economia as coisas vão mal, na política não melhoram, com processos de impeachment contra a presidente da República e indícios fortes de que o presidente da Câmara se beneficiou de contas não declaradas em bancos suíços.

O país assiste a tudo e começa a parar. Não se votam assuntos importantes no Congresso e diversas empresas importantes estão vendo seus contratos secarem, porque estavam ligados direta ou indiretamente a empresas sob investigação.

Só no campo a vida não para. O ciclo das estações e das safras mantém sua reconfortante constância – alguma coisa na vida em que se pode confiar, afinal. O agricultor, portanto, não pode parar.

Nesta edição você verá, entre outros assuntos, as propostas da FAEP e de outras organizações para a cultura do trigo, que vem sendo afetada pelas agruras do câmbio e pela falta de ação do governo, que se prolonga por décadas.

Boa leitura!

Índice

Comércio Exterior	03
Formigas	04
Capa	06
Piscicultura	11
Café	12
Pesquisa	14
Agrinho	16
História - Diamantes	18
Conservação	20
Solos	22
MST	23
Leite	24
Notas/Carta	26
Notas/Fundepec	27
Eventos Sindicais	28
Via Rápida	30

Expediente

FAEP - Federação de Agricultura do Estado do Paraná

Presidente: Ágide Meneguette | **Vice-Presidentes:** Guerino Guandalini, Nelson Teodoro de Oliveira, Francisco Carlos do Nascimento, Oradi Caldato, Ivo Pierin Júnior e Paulo Roberto Orso | **Diretores Secretários:** Livaldo Gemin e Mar Sakashita | **Diretores Financeiros:** João Luiz Rodrigues Biscaia e Julio Cesar Meneguetti | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olimpio Santarozza, Lauro Lopes e Ana Thereza da Costa Ribeiro | **Delegados Representantes:** Ágide Meneguette, João Luiz Rodrigues Biscaia, Francisco Carlos do Nascimento e Renato Antônio Fontana

SENAR-PR | Administração Regional do Estado do PR

Conselho Administrativo | Presidente: Ágide Meneguette - FAEP | **Membros Efetivos:** Ademir Mueller - FETAEP, Rosanne Curi Zarattini - SENAR AC, Darci Piana - FECOMÉRCIO e Wilson Thiesen - OCEPAR

Conselho Fiscal: Sebastião Olimpio Santarozza, Paulo José Buso Junior e Marcos Junior Brambilla | **Superintendência:** Humberto Malucelli Neto

Boletim Informativo | Coordenação de Comunicação Social: Cynthia Calderon | **Editor:** Franco Iacomini | **Redação e Revisão:** Herynel Cardoso, Katia Santos e André Amorim | **Projeto Gráfico e Diagramação:** Diogo Figueiredo | **Ilustração:** Icaro Freitas

Publicação semanal editada pelas Assessorias de Comunicação Social (ACS) da FAEP e SENAR-PR. Permitida a reprodução total ou parcial. Peça-se citar a fonte.

Fotos da edição 1322: Fernando Santos, Milton Dória, Lineu Filho, Divulgação e Arquivo FAEP.

Agronegócio lidera exportações

Oito em cada dez dólares vendidos pelo Paraná vêm do campo

Tânia Moreira | Economista do Departamento Técnico e Econômico da FAEP



O agronegócio paranaense teve saldo comercial positivo de US\$ 915 milhões em setembro deste ano, resultado de exportações de US\$ 1,1 bilhão e importações de US\$ 93,8 milhões, considerando dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC) divulgados neste mês. No acumulado do ano, as exportações do agronegócio paranaense somaram US\$ 9,2 bilhões representando, de janeiro a setembro, 79% das exportações totais paranaenses, mantendo o mesmo percentual que representou entre janeiro a agosto de 2014.

Em relação ao mesmo período de 2014, o valor exportado pelo agronegócio paranaense caiu 10%, refletindo a queda do preço internacional dos principais produtos agropecuários exportados, mesmo com aumento de 7% na quantidade exportada no acumulado do ano.

O complexo soja foi o principal grupo exportador em setembro e no acumulado do ano. No ano, as exportações foram de US\$ 4,09 bilhões para 10,2 milhões de toneladas. Apesar do aumento de 7% na quantidade exportada, o valor exportado no período caiu 18% em relação ao ano passado.

As exportações de soja em grãos tiveram aumento de 8% na quantidade exportada, mas redução de 17% do valor ex-

portado, refletindo o menor preço internacional da oleaginosa em função de amplos suprimentos globais. No ano anterior o preço médio de exportação em dólares era 23% maior, ou seja, US\$ 31,37/saca para os atuais US\$ 24,04/saca.

O grupo carnes foi o segundo mais importante nas exportações do agronegócio paranaense, somando o valor exportado de US\$ 2 bilhões para 1,2 milhões de toneladas exportadas. A quantidade exportada cresceu 17% em relação ao ano passado, enquanto o valor cresceu 3%. No entanto, o preço médio em dólares recuou 11%.

O destaque do grupo foram as exportações de carne de frango totalizando US\$ 1,8 bilhões para 1,1 milhões de toneladas exportadas. A quantidade exportada cresceu 19% em relação ao ano passado, embora o valor exportado em dólares tenha crescido apenas 6%, refletindo a queda de 10% do preço médio em dólares. O crescimento das exportações paranaenses de frango, no período, foi maior que o crescimento das exportações nacionais (5,5%).

As exportações de produtos florestais totalizaram US\$ 1,1 bilhão com 1,4 milhões de toneladas exportadas no período, caracterizando o terceiro grupo mais importante para as exportações do agronegócio paranaense. Enquanto a quantidade exportada cresceu 15% em relação ao ano passado, o valor exportado cresceu 8%.

Quarto grupo de maior importância, o complexo suíno apresentou um recuo do valor exportado de 15% em relação ao ano passado, com aumento de 2% na quantidade exportada e queda de 17% no preço médio em dólares.

As exportações de milho tiveram uma redução de 17% no valor exportado em relação ao ano passado, com queda de 7% na quantidade exportada e de 10% no preço médio em dólares, considerando os dados do MDIC, embora consultorias sigam alertando que o volume exportado seja maior.

De janeiro a setembro a quantidade de café exportada cresceu 15%, enquanto o valor exportado cresceu 6%, com o preço médio em dólares recuando 8%.

Ah, essas Formigas...

SENAR-PR realiza curso específico para profissionais habilitados sobre elaboração de plano de manejo para formigas cortadeiras



No período de 6 a 8 de outubro, o SENAR-PR realizou um curso piloto no Centro de Treinamento Agropecuário (CTA) de Assis Chateaubriand para 25 profissionais que têm habilitação junto ao Conselho Regional de Engenharia e Agronomia (CREA-PR). O diferencial dessa capacitação foi habilitar o participante a elaborar um plano de manejo, que é exigido pela Agência de Defesa Agropecuária do Paraná (Adapar) ao produtor rural quando ele é notificado por não atender as orientações de manejo prescritas pela assistência técnica e extensão rural.

O Plano de Manejo de Formigas Cortadeiras, segundo o engenheiro-agrônomo e técnico do SENAR-PR, Leandro Alegriani, deve ter as seguintes etapas: informações do

profissional responsável; informações do produtor; diagnóstico da área e mapa de uso atual do solo; plano com especificações técnicas propostas; e cronograma de execução e recomendações para o manejo da praga.

Segundo o técnico não é caro combater a formiga cortadeira, mas é preciso ter vigilância constante.

Entre os conteúdos abordados no curso, foram apresentadas quatro tipos de aplicações de agrotóxicos: iscas formicidas, que são as mais baratas (em torno de R\$ 10 o quilo); pulverização com agroquímico líquido, que só é permitida para plantações de cana-de-açúcar; termonebulização, indicada para grandes áreas, ou associações de produtores e cooperativas; e pó seco.

Grau de eficiência

“Eliminar totalmente a praga não é possível, mas o produtor rural consegue obter um grau de eficiência de controle da formiga cortadeira que varia de 80 a 90%”, afirma o engenheiro-agrônomo Rodrigo Fadoni, que participou do curso.

Fadoni, que fez anteriormente o curso oferecido pelo SENAR-PR dirigido aos produtores rurais, destaca a importância de um bom mapeamento da área. “No curso tivemos a oportunidade de fazer esse exercício prático. Esse mapa faz parte do diagnóstico do problema e essencial para que bons resultados sejam alcançados”, diz.

Segundo o profissional, o manejo da formiga cortadeira é possível desde que sejam seguidos alguns passos como um bom mapeamento e diagnóstico da área; repasse do produto escolhido em 60 dias após a primeira aplicação, e, reavaliação, em 90 dias, de toda a área para verificar quantos focos foram extintos e quantos formigueiros novos apareceram.

Esse curso está dentro das ações do Grupo de Trabalho Manejo de Formigas Cortadeiras do Programa Plante seu Futuro. De acordo com a Adapar, que foi parceira na realização do evento, a região Noroeste do Paraná é a que apresenta maior número de ocorrência de formigueiros. Dentro da programação da capacitação foi abordada a legislação específica sobre o tema pela engenheira-agrônoma e técnica da Adapar, Maria Celeste Marcondes.

Para receber o certificado o participante terá que apresentar para a Adapar, até o dia 30 de outubro, um Plano Técnico de Manejo de Formigas Cortadeiras. Participaram do curso 25 profissionais autônomos, técnicos da Emater e do Instituto Ambiental do Paraná (Iap), funcionários da Usina Santa Terezinha e empresas de planejamento agropecuário.

Caso não siga as orientações o produtor deverá contratar um profissional habilitado no CREA-PR para elaboração do plano de manejo. Esse processo será acompanhado por um Fiscal de Defesa Agropecuária da Adapar até a conclusão. Após essa etapa, o profissional da assistência técnica dará a baixa na Anotação de Responsabilidade Técnica (ART) e encaminhará o laudo final para Adapar. Caso essa etapa não seja cumprida, o produtor será autuado, devendo realizar o manejo das formigas cortadeiras prescrito no plano a ser elaborado por profissional de assistência técnica, constituindo-se como um agravante no processo administrativo instaurado, embasado na Lei de Defesa Sanitária Vegetal, nº 11.200/95.

Curiosidades

- Um formigueiro de 10 metros quadrados pode matar aproximadamente 37 árvores. Dez formigueiros adultos chegam a cortar de 21 a 25 kg de pastagens, por dia, em condições normais e representam o consumo de um boi em regime de pasto.
- As formigas cortadeiras podem carregar objetos com até 50 vezes o seu peso.
- Suportam até 15 vezes seu próprio peso.
- Percorrem em média um quilômetro por dia.
- No Paraná ocorrem dois gêneros de formigas cortadeiras a *Atta* e *Acromyrmex*.



Para onde vai o trigo?

Mesmo com câmbio favorável, o cenário é ruim (de novo) para o trigo nacional. Setor produtivo preparou documento com sugestões de política para a cultura



No curtíssimo prazo, o cenário parece favorável para a tricultura brasileira. Afinal, o câmbio elevou muitíssimo o custo de importação nas últimas semanas, elevando a competitividade do produto nacional. Além disso, a produção prevista para o Mercosul é 7,7% inferior à da safra passada, principalmente devido à redução de área no Uruguai e na Argentina – esta, a principal origem das importações brasileiras. Assim, parece estar se desenhando um cenário bastante positivo para o trigo nacional, certo?

Na prática, o mundo não é tão cor-de-rosa. No front externo, há um excedente de produção. Um estudo sobre as perspectivas da safra 2015/2016, feito pela economista Tânia Moreira, do Departamento Técnico Econômico (DTE) da FAEP, mostra que a produção mundial será marcada por ampla oferta e elevados estoques. Estima-se que, globalmente, a oferta do grão superará a demanda em 11,8 milhões de toneladas. Diante disso, os preços na bolsa de Chicago

(CBOT) têm recuado. O preço médio de setembro na CBOT ficou em US\$ 4,82 por bushel – o menor para o mês de setembro desde 2012.

Aqui, os reflexos do câmbio ainda não foram suficientes para alegrar o tricultor. A demanda está em alta: até setembro, segundo o Departamento de Economia Rural (Deral) da Secretaria de Agricultura do Paraná (Seab), foram comercializadas 614 mil toneladas (incluindo 172 mil toneladas vendidas antecipadamente), contra 292 mil toneladas que haviam sido comercializadas em igual período de 2014. Apesar disso, “os preços ainda estão mais defasados que a média em relação aos preços internacionais, principalmente se considerarmos a recente alta do dólar”, escreveu o técnico Hugo Godinho, do Deral, em relatório datado de 23 de setembro.

O câmbio contribuiu para a deterioração do caixa dos moinhos, que constituem o mercado consumidor para os tricultores. Reportagem do jornal *Valor Econômico*, de 2 de outubro, apontou

que algo como 40% do trigo importado entre junho e agosto deste ano não foi pago pelos moinhos. O problema foi a elevação abrupta das cotações da moeda americana. As operações nesse segmento são feitas por meio de tradings, empresas de comércio internacional que fazem a logística e a internacionalização da mercadoria e concedem ao comprador um prazo de 30 a 90 dias para a indústria moageira pagar a importação. Muitas compras, então, foram feitas com o dólar ao redor de R\$ 3,50, mas precisavam ser liquidadas quando a cotação estava próxima de R\$ 4. Muitos moinhos pediram para adiar os pagamentos, e as tradings estão absorvendo parte do prejuízo.

Por essas e outras, o preço médio recebido pelo produtor paranaense está bastante baixo: R\$ 33,08 por saca, 10,3% acima dos valores de setembro de 2014, mas ainda 32,5% abaixo daqueles de setembro de 2013. O preço recebido perde também para o custo operacional de produção no Paraná, que está em R\$ 44,88 por saca, segundo o DTE-FAEP.

Hora da virada

A triticultura brasileira não pode viver assim, sempre à espera de uma conjuntura que lhe seja favorável – e, enquanto ela não vem, suportando prejuízo ano após ano. Não é por outra razão que a área cultivada tem decrescido. Na atual temporada, a redução foi de 11%.

A questão é mais sensível no Paraná, que deve responder neste ano por mais da metade da safra brasileira. A estimativa da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) é de que o Brasil atinja uma produção de 6,99 milhões de toneladas, sendo 3,9 milhões provenientes de trigais paranaenses. “É fundamental ter uma política pública que defina o interesse no cultivo do cereal nacional frente aos desafios para manutenção e ampliação da produção”, diz Pedro Loyola, coordenador do DTE-FAEP.

O incentivo à produção nacional é importante e estratégico. Primeiro, porque reduz a dependência das exportações. Entre 2013 e 2015, o consumo médio de trigo no país foi de 11,3 milhões de toneladas, enquanto que a produção do país, na média, ficou em 6,2 milhões de toneladas. De cada 10 toneladas do cereal usadas pelos moinhos, portanto, 5,5 têm origem nacional.

Segundo, porque o trigo é importante para o agricultor no Sul do país. Ele é uma opção para a rotação de culturas, sua palhada



ajuda a viabilizar o plantio direto. Ele também permite um aproveitamento mais racional da estrutura produtiva e aumenta a renda por unidade de área.

Foi com base nesse cenário e levando em consideração a importância da cultura que o setor produtivo brasileiro elaborou um documento com Políticas para a Triticultura Nacional, a ser entregue à ministra da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Kátia Abreu. O documento tem aval da FAEP e de outras organizações representativas do setor, como a Organização das Cooperativas do Estado do Paraná (Ocepar), da Federação da Agricultura do Rio Grande do Sul (Farsul), da Federação das Cooperativas Agrícolas do Rio Grande do Sul (Fecoagro) e da Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB).

O documento traz 39 propostas para o setor, divididas em 11 áreas: política tritícolas de médio prazo, preços mínimos e apoio à comercialização, recursos para custeio e investimento, salvaguardas à produção nacional, zoneamento agrícola e de risco climático, seguro rural, Proagro, infraestrutura e logística, vigilância sanitária, segregação da produção e apoio à pesquisa e regionalização do trigo.

O que queremos

• Políticas tritícolas de médio prazo

Proposta

Lançar experimentalmente para os anos safras 2016 e 2017 - um plano bianual para os cereais de inverno e a partir de 2018 um plano plurianual com políticas definidas para preços mínimos, seguro, recursos para custeio, investimento, e comercialização.

• Preços mínimos e apoio à comercialização

Propostas

Aumentar em 16,7% o preço mínimo para o trigo tipo 1 da classe pão, passando de R\$ 583,00/tonelada para R\$ 680,55/tonelada, equivalente ao custo de produção calculado pela CONAB.

Rever a metodologia de cálculo do preço mínimo do trigo, inclusive, com a reavaliação das praças de cálculo dos custos de produção.

Estabelecer até o final de novembro de 2015 a política para a safra de trigo 2016 e o cronograma com as datas e as quantidades de trigo a serem apoiadas via contratos de Opção de Venda, PEP, PEPRO e AGF, durante todo o período de comercialização.

Desburocratizar as operações do PEP e PEPRO tornando-as mais simples, dispensando documentos, aumentando a informatização dos processos e dos cadastros, assim como o processo de comprovação, menos burocráticos.

Garantir para o produtor de trigo o acesso aos contratos de opção de venda de pelo menos 50% da produção assegurando o preço mínimo do cereal.

Criar linha de financiamento para o setor moageiro adquirir a produção nacional com taxas de juros semelhante às do crédito rural.

Disponibilizar recursos para linha de crédito de Financiamento para Estocagem de Produtos da FGPP (FEPM) do trigo.

Aumentar o limite de Aquisição pelo Governo Federal – AGF de 1.000 sacas para 5.000 sacas de trigo por produtor.

• Recursos para custeio e investimento

Propostas

Disponibilizar recursos em montante adequado e em época oportuna para custeio e investimento para os tricultores brasileiros.

Fomentar projetos de construção de indústrias de derivados do trigo junto a regiões produtoras.

Aumentar o volume de recursos para financiamento de custeio e ampliar a modalidade de custeio rotativo automático aos produtores não contemplados pelo Pronaf e Pronamp.

• Salvaguardas à produção nacional de trigo

Propostas

Manter a Tarifa Externa Comum (TEC) do trigo em pelo menos 10%, independente das condições do mercado.

Criar junto à Camex uma quota para importação de trigo no âmbito dos países membros do Mercosul por determinado período.

Suspender durante o período de comercialização (setembro a dezembro) a autorização automática de importação do trigo em grão.





• *Zoneamento Agrícola e de Risco Climático*

Proposta

Atualizar o zoneamento agrícola para o trigo de acordo com os avanços tecnológicos disponíveis nos órgãos de pesquisa e recomendados para os produtores.

• *Seguro rural*

Garantir recursos no Orçamento da União (Lei Orçamentária Anual - LOA) para o programa de subvenção federal ao prêmio do seguro rural, incluindo as despesas com o Programa de Subvenção ao Prêmio do Seguro Rural nas dotações orçamentárias consignadas com recursos das Operações Oficiais de Crédito (20C).

Adotar a modalidade de seguro ao produtor de trigo, amparando perdas de qualidade e perdas de produção.

Disponibilizar os recursos financeiros do programa de subvenção para o trigo e demais culturas de inverno até final de janeiro.

Estabelecer os apoios diferenciados de subvenção ao prêmio com percentuais mais elevados nos produtos com mais coberturas (ex.: seguros de riscos nomeados, multirrisco, cobertura de perda de qualidade e seguro faturamento).

• *Proagro*

Propostas

Alterar a redação do Manual de Crédito Rural (MCR) 16-5-21 de “A cobertura do Proagro corresponde, no mínimo, a 70% e, no máximo, a 100% do limite de cobertura, por empreendimento enquadra-

drado” para “A cobertura do Proagro corresponde, no mínimo, a 80% e, no máximo, a 100% do limite de cobertura, por empreendimento enquadrado”.

Alterar o MCR 16-5-13 conforme segue: o valor das receitas e das perdas não amparadas para fins de dedução da base de cálculo de cobertura deve ser aferido pelo agente na data da decisão do pedido de cobertura em primeira instância com base em:

a) Preço indicado na primeira via NF representativa da venda, se apresentada até a data da decisão do pedido de cobertura pelo agente em primeira instância, para parcela comercializada; e

b) Parcela não comercializada com base nos preços de mercado na data da decisão do pedido de cobertura pelo agente em primeira instância.

Contemplar no Proagro as perdas decorrentes de doenças (Brusone) sem método de controle difundido ou economicamente viável.

• *Infraestrutura e logística*

Propostas

Editar normativo autorizando, de forma gradual, a utilização de embarcações com bandeira estrangeira para o transporte da produção agrícola nacional e seus derivados ao longo da costa brasileira.

Desonerar do valor do transporte de cabotagem o adicional para renovação de marinha mercante (AFRMM) para todos os portos e todas as regiões brasileiras.

Fomentar o consumo da produção nacional de trigo nas regiões Centro-Oeste, Centro-Norte e Nordeste do Brasil.

Isentar o PIS/COFINS do combustível utilizado para o trans-

porte de cabotagem ao longo da costa brasileira.

Eliminar os entraves burocráticos e consolidação do sistema operacional “Porto sem Papel”, dado que, há excessivo número de papéis no despacho aduaneiro.

Autorizar cursos de formação técnica em instituições privadas, assegurando a certificação da formação pela Marinha do Brasil, uma vez que, atualmente estes cursos são realizados exclusivamente pela Marinha.

Adequar a legislação trabalhista aos parâmetros e normas internacionais da navegação. Atualmente há excessivo número de tripulantes e regras onerosas de operação.

- *Vigilância sanitária*

Proposta

Impedir a entrada de trigo e derivados provenientes de países que utilizem defensivos agrícolas não permitidos no cultivo do cereal em território brasileiro, bem como não apresentem sistema de logística reversa das embalagens de agrotóxicos.

- *Segregação da produção*

Propostas

Realizar estudo para estabelecimento de um zoneamento agroeconômico e de qualidade industrial, visando à segregação qualitativa das cultivares no campo.

Solicitar às universidades ou centros de pesquisa, que não

produzam ou comercializem sementes, a análise de parâmetros de qualidade de cada cultivar via ensaios em campos experimentais visando garantir ao produtor rural as características descritas no registro de cultivar.

Retirar do mercado a cultivar que não apresente as características informadas no registro da cultivar pelos detentores.

- *Apoio à pesquisa e regionalização do trigo*

Propostas

Criar um fundo de pesquisa para o trigo mantido com uma contribuição de 1,0 % sobre o valor do trigo importado, valor este a ser recolhido por todos os importadores do cereal.

Ampliar as parcerias da Embrapa com empresas estaduais de pesquisa para potencializar os esforços no desenvolvimento da triticultura em todas as regiões.

Alocar recursos de Financiamento para Estocagem de Produtos Agropecuários Integrantes da PGPM (FEPM) aos produtores de sementes de trigo, em montante e época adequados, especialmente para as variedades enquadradas nas classes Melhorador e Pão.

Intensificar programas de pesquisa em biotecnologia para acelerar o desenvolvimento de cultivares de trigo tolerantes à chuva no período de pré-colheita, resistentes à “giberela”, de alto rendimento e de qualidade exigida pelo mercado.

Desenvolver programa de regionalização das cultivares de trigo mais adaptadas às especificidades de determinadas regiões produtoras.



Nadando em oportunidades

Dia de Mercado da Aquicultura levou aos produtores da região de Toledo informações levantadas através do projeto Campo Futuro



Com objetivo de levar mais conhecimento sobre o mercado, trabalhando junto aos participantes aspectos gerenciais e técnicos, a FAEP, em parceria com a Confederação Nacional da Agricultura (CNA) e o Sindicato Rural de Toledo, realizou no último dia 15 o evento Dia de Mercado da Aquicultura.

A piscicultura, atividade que integra a Aquicultura, tem grande importância na produção agropecuária do Paraná, considerado o maior produtor de tilápia do país. Concentrada principalmente na região Oeste, onde a produção de proteína animal avança dia-a-dia, a atividade foi objeto do levantamento Campo Futuro, realizado pela Embrapa e pela CNA em maio desse ano. Através deste estudo, foram levantados pela primeira vez os custos de pro-

dução da piscicultura nos polos produtores.

O evento da última quinta-feira, segundo o presidente da Comissão Nacional da Aquicultura da CNA, Eduardo Ono, apresentou os resultados deste levantamento aos produtores da região – que envolve grandes municípios produtores do Paraná – e apontou alternativas para reduzir os custos e melhorar a renda da atividade.

“Em alguns locais, por exemplo, constatamos que um dos gargalos da produção é o preço da ração. Então uma das alternativas para os produtores desta região poderia ser adquirir a ração em conjunto, para reduzir o preço”, exemplifica Ono.

Segundo ele, o evento dá um passo além do Projeto Campo Futuro ao levar as informações levantadas aos produtores, que muitas vezes desconhecem sua própria realidade de produção. O evento foi pensado para ser diferente em cada região, de modo a abordar com precisão as características de produção, que variam de local para local. Segundo Ono, a equipe que realizou o Campo Futuro na Aquicultura continua alimentando as informações sobre a piscicultura na região periodicamente. “O projeto vai construindo uma série histórica dos custos e da rentabilidade”, explica.

De posse destas informações, especialistas e técnicos poderão trabalhar junto aos participantes quais os pontos que devem ser observados e melhorados para tornar a atividade mais rentável.

Outra palestra foi da assessora técnica de Aquicultura e Pesca da CNA, Lílian Figueiredo. Na ocasião ela discorreu sobre os custos de produção na aquicultura em diversas regiões do Brasil. Segundo ela, de acordo com os levantamentos do Campo Futuro, hoje, na aquicultura o maior custo é a ração, que chega a representar 80% do custo efetivo do produtor. “Neste ano percebemos um aumento de custo da energia elétrica também, o que afeta diretamente os sistemas mais tecnificados”, destacou.

Um café do Matão

Três produtores do mesmo bairro de Tomazina estão selecionados para a final do *Cup of Excellence*

Por André Amorim



Os cafeicultores do bairro do Matão, em Tomazina, estão em festa. Três moradores da localidade estão entre os 45 finalistas brasileiros do Cup of Excellence – Pulped Naturals 2015, uma das principais competições mundiais de cafés, que neste ano selecionou seis competidores paranaenses, todos da região do Norte Pioneiro.

O concurso tem por objetivo a seleção de lotes de cafés de alta qualidade, despulpados ou cereja descascados, adequados ao mercado de cafés especiais, para comercialização através de leilão internacional pela internet. Os vencedores do concurso vendem seu produto em um leilão on-line disputadíssimo, no qual os preços podem ultrapassar em 3.000% os valores de referência do café negociado na Bolsa de Nova York.

No ano passado, o lote campeão obteve um preço de R\$ 16.646,48 por saca de 60 quilos. Na época o dólar girava por volta de R\$ 2,50, com as cotações de hoje, os ganhos em real seriam ainda maiores. A premiação final do concurso acontece

no próximo sábado (17) e o leilão dos vencedores acontece no dia 1º de dezembro desse ano.

Dos 45 finalistas brasileiros, 27 vêm de Minas Gerais, oito da Bahia, três do Espírito Santo e um de São Paulo. Dos seis finalistas paranaenses, além dos três de Tomazina temos produtores de Jacarezinho, Japira e Jerônimo da Serra. Segundo Claudeir de Souza, presidente da Associação dos Produtores e Produtoras de Cafés Especiais de Matão (Approcem) e um dos finalistas do Cup of Excellence, o associativismo foi o diferencial que levou três integrantes do bairro à final nacional do concurso.

Recentemente a associação adquiriu uma máquina completa de via úmida, que lava, descasca e desmucila o grão. “Essa máquina fez uma grande diferença pra nós”, avalia o cafeicultor, que em 2017 pretende adquirir uma colheitadeira mecânica de café para a associação. “Hoje a colheita é toda manual”, explica.

Atualmente, praticamente toda produção da região é negociada pela Cooperativa de Produtores de Cafés Especiais do

Norte Pioneiro do Paraná (Concenp). Segundo Souza, o destino principal é o mercado externo. “Até o final do ano devemos embarcar 14 contêineres da cooperativa”, afirma.

Acostumado com a lida do café desde os 12 anos de idade, Souza conta que o manejo era muito diferente na época em que seu pai tocava a produção. “Naquele tempo a gente colhia até café do chão, não tinha padrão nenhum”, lembra. Hoje, para atingir o patamar de qualidade que o colocou entre os finalistas da competição, o trabalho no cafezal é muito mais criterioso. Por trás desse cuidado está o Programa 100% Qualidade, do Sebrae, que fornece o suporte técnico para que os produtores melhorem a qualidade da produção.

Outra força indutora neste processo foi a Associação de Cafés Especiais do Norte do Paraná (Acenpp). Em 2012 a entidade conseguiu a Indicação Geográfica de Procedência (IGP), fornecida pelo Instituto Nacional da Propriedade Intelectual (INPI). Com essa distinção, o café produzido no Norte Pioneiro passa a ter uma identidade própria, garantindo a origem, os processos de produção, além de características sensoriais do grão produzido nesta região. Isso já ocorre com o café produzido no Cerrado Mineiro e também na Mantiqueira de Minas.

Ouro Verde

O café, que já foi considerado o “ouro verde” do Paraná entre o começo do século XX até a década de 1970, deixou de ocupar o centro da economia agrícola do Estado e teve sua área plantada reduzida gradativamente nas décadas seguintes. Hoje, segundo a Secretaria Estadual de Agricultura e Abastecimento (Seab) ele ocupa uma área de 53 mil hectares, com uma produção estimada entre 1.160 e 1.260 sacas neste ano.

Desta forma, a viabilidade da produção cafeeira aponta atualmente para os cafés especiais, como aqueles produzidos no Norte Pioneiro. Segundo o presidente do Sindicato Rural de Tomazina, João Hélio Chueire, essa mudança foi visível. “Já tivemos muito mais café, hoje diminuí o número de produtores e os que ficaram estão investindo em qualidade”, observa.

O Concurso

Em inglês, “cup of excellence” quer dizer “xícara de excelência”. Trata-se do mais prestigiado prêmio para cafés de alta qualidade do mundo. Criado em 1999, ele reúne um corpo de jurados dos principais países importadores de café. Na avaliação, são julgados critérios como corpo, sabor, grau de acidez e doçura.

A fase nacional do certame é organizada pela Alliance for Coffee Excellence (ACE), Associação Brasileira de Cafés Es-

peciais (BSCA) em conjunto com Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (APEXLBrasil), com o apoio de Conselho dos Exportadores de Café do Brasil (Cecafé), Associação Brasileira da Indústria de Café (ABIC), Conselho Nacional do Café (CNC) e Confederação Nacional da Agricultura (CNA). O patrocínio é do Sebrae.



Jurados avaliam amostras de café no Cup of Excellence

Veja quem são os finalistas paranaenses do Cup of Excellence

Carlos Alberto Diniz

Sítio Itajubá, Tomazina

Claudeir Marcos de Souza

Sítio Dois Irmãos, Tomazina

Eder Inocêncio Gonçalves

Sítio Nossa Senhora Aparecida, Tomazina

Flavia Garcia Mureb Jacob Saldanha Rodrigues

Fazenda Califórnia, Jacarezinho

Francisco Barbosa Lima

Sítio Fortaleza, Japira

Ricardo Aparecido dos Santos

Sítio São José, São Jerônimo da Serra

Rede em ação

Solos, leite e bem-estar animal são as primeiras áreas prioritárias



No último dia 5 de outubro, aconteceu em Curitiba, na sede da FAEP, a primeira reunião da Rede Paranaense de Agropesquisa e Formação Aplicada. O presidente do Sistema FAEP/SENAR-PR Ágide Meneguette abriu o encontro. Criada pelo decreto estadual nº 2475 de 28/09/2015, a Rede tem como objetivo pautar e definir as principais demandas e prioridades do agronegócio que precisem de pesquisa científica. No encontro os representantes das instituições participantes definiram integrantes e as primeiras ações da Rede.

Foram apontados como membros representantes das instituições coordenadoras: Otamir Cesar Martins, da Secretaria de Estado da Agricultura e do Abastecimento (Seab) e Sueli Rufini da Secretaria de Estado da Ciência Tecnologia e Ensino Superior (Seti). Também foram definidos os integrantes do Comitê Gestor, que será composto por representantes do governo do Estado e da iniciativa privada. São eles:

Governo - Otamir Cesar Martins (Seab); Sueli Rufini (Seti) e Ramiro Wahrhaftig (Casa Civil).

Iniciativa Privada - Ronei Volpi (FAEP); Marcos Junior Brambilla (Fetaep) e Flavio Enir Turra (Ocepar).

A sede da instituição irá funcionar na Rua Marechal Deodoro, 450 12º andar, sala nº 1205, com o apoio da Seab/Seti, FAEP, Ocepar, Fetaep e do Instituto Agronômico do Paraná (Iapar). Para dar suporte ao Comitê Gestor foi definida uma Secretaria Executiva e indicados: Maria Silvia Cavichia Digiovani (FAEP) como secretária executiva e Luiz Damaso Gusi (Seab) como secretário adjunto.

Nesta reunião estavam presentes: Ramiro Wahrhaftig (Casa Civil); Sueli Rufini (Seti); Otamir C. Martins (Seab); Flavio Enir Turra (Ocepar); Marcos V.F. Martins (Iapar); Luiz Damaso Gusi (Seab); representando a FAEP Antônio Leonel Poloni; Ronei Volpi e Maria Silvia C. Digiovani.

Parceria público-privada

Os representantes definiram que as pesquisas a serem desenvolvidas ou a transferência dos conhecimentos já disponibilizados pela pesquisa, que atendam os objetivos da Rede, deverão ser financiados em conjunto pelo governo do Paraná e pela iniciativa privada. O apoio da iniciativa privada poderá vir na forma monetária ou de outros ativos, como por exemplo, a cessão de áreas agrícolas para instalação de experimentos científicos.

A eleição de temas prioritários para pesquisa será feita de acordo com as principais demandas do setor agropecuário. No encontro foram identificadas as primeiras áreas de pesquisa, que são solos, leite e bem-estar animal. Foi estabelecido o prazo de 30 dias para serem identificadas e qualificadas duas a três pesquisas prioritárias para cada área citada.

A representante da Seti, Sueli Rufini, sugeriu que ainda em 2015 sejam formadas as redes de solos, bem-estar-animal e leite, com a publicação de um edital para selecionar os pesquisadores de cada uma.

Para isso precisam ser identificados os profissionais que trabalham nas áreas citadas e quais os resultados de pesquisa já disponíveis para em seguida identificar o que falta pesquisar para atender as necessidades.

Ramiro Wahrhaftig, informou que a Seti está em processo de negociação para aquisição da plataforma Stela Expert. Essa ferramenta contém, entre outros ativos, a relação de pesquisadores por área de formação e titulação, o que facilitará o processo de identificação dos pesquisadores do estado nas áreas de interesse bem como as pesquisas já desenvolvidas.

Microbacias

O representante do Iapar, Marcos Martins, informou que existe uma proposta de pesquisa desse Instituto para rever todos os indicadores técnicos de proteção de solo (recomendações de práticas mecânicas e biológicas) no Paraná, em cada bacia hidrográfica. “Se esse trabalho for realizado em rede os resultados saíram de forma mais ágil”, disse.

Martins informou que o Iapar está desenvolvendo um projeto piloto em três microbacias situadas na zona de influência da Usina de Itaipu, onde deverão ser validadas as tecnologias da pesquisa. Para finalizar os integrantes definiram a realização de uma reunião mensal, que acontecerá na primeira segunda-feira de cada mês, sempre às 14 horas. A próxima será dia 9 de novembro.



Programa Agrinho é tema de dissertação de mestrado

Programa foi analisado com base em pressupostos da educação ambiental crítica

Por Katia Santos



Antonio Radi: estímulo aos professores é diferencial do programa

Longevidade e continuidade foram as características que chamaram a atenção do engenheiro-agrônomo Antonio José Radi no Programa Agrinho. Esses atributos o levaram a conhecer e aprofundar sua análise sobre o funcionamento do programa sob a ótica da educação ambiental crítica, que avalia a questão ambiental integrada a outras dimensões, como a social, econômica e cultural.

Os estudos resultaram no trabalho final de Radi no mestrado em Organizações e Desenvolvimento no centro universitário FAE, de Curitiba. A dissertação “A Educação ambiental em ação: uma análise do Programa Agrinho” buscou identificar as contribuições do programa para a educação ambiental, levando em conta as transformações ocorridas ao longo do tempo.

Radi – que hoje leciona as disciplinas de Extensão e Desenvolvimento Rural e Economia e Política Agrícola no campus

da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) em Dois Vizinhos – comparou duas edições dos materiais dirigidos aos professores nos períodos 1999-2002 e 2007-2012. Além disso, realizou entrevistas com professores da rede pública e alunos maiores de 18 anos que participaram do programa nas escolas. A pesquisa foi orientada pelo professor Cleverson Vitório Andreoli, que tem doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento e é um dos especialistas contratados pelo SENAR-PR para elaboração do material teórico dirigidos aos docentes.

O ponto de partida da pesquisa é a ideia de que a questão ambiental é multifacetada e pode ser abordada a partir de diferentes áreas do conhecimento como: biologia, economia, física, química, política etc. “Não existe uma linha única de abordagem em educação ambiental. Os problemas ambientais que a sociedade enfrenta são decorrentes de um modelo de civilização que foi adotado há alguns séculos. Por isso não podemos tratar a educação ambiental falando só de reciclagem, ou energias alternativas, tecnologia para despoluição, a questão é muito mais abrangente”, explica.

Evolução de conteúdo

Para o agrônomo, o Agrinho evoluiu positivamente em relação ao conteúdo dos materiais didáticos direcionados aos docentes, privilegiando a abordagem transversal e interdisciplinar, na perspectiva da sustentabilidade. “Um diferencial do programa apontado pelas professoras é o estímulo ao desenvolvimento de atividades que ultrapassam os limites da escola à medida e envolveram diversos segmentos da sociedade em ações de educação ambiental, tais como reciclagem, reutilização de resíduos e coleta seletiva do lixo. Além disso, algumas ações educativas tiveram continuidade, mantendo o envolvimento e a participação da comunidade de entorno. Os resultados demonstram que os progres-

tos realizados nos materiais didáticos e as ações educativas do Programa Agrinho trouxeram contribuições para a conscientização e para a mitigação de alguns importantes problemas ambientais locais”, afirma.

Radi apontou que o material do professor de 1999-2002 adotava uma abordagem mais conservacionista e tecnicista da questão ambiental. Mesmo quando mencionava as influências de fatores econômicos, por exemplo, o fazia de forma bastante breve e superficial. “Embora os conceitos apresentados neste material sejam importantes para um adequado entendimento do assunto, faltou uma abordagem mais centrada em aspectos sociais, políticos e econômicos para que a questão pudesse ser compreendida de forma mais abrangente”, avalia Radi.

O professor aponta avanço no material dedicado aos professores em sua análise do material do período de 2007-2012. “O eixo da abordagem ambiental sofreu um significativo deslocamento na direção de fatores sociais, políticos e econômicos”, escreve. “O subtema que bem ilustra este fato é o intitulado ‘Desenvolvimento sustentável’ que expõe a necessidade de se criar um novo modelo de civilização. Outro exemplo é o subtema ‘Crise de valores: compreendendo este fenômeno’, que questiona, sob outras bases, o modo de vida da sociedade moderna.”

Nas entrevistas com os professores, Radi destacou as transformações positivas do material e do programa sob o ponto de vista das participantes. Segundo ele foi possível estabelecer dois conjuntos de categorias: material e humana. No que diz respeito ao material as docentes apontaram melhorias no conteúdo

com maior versatilidade; na distribuição e na qualidade do material didático. A disponibilidade de capacitação no formato de Educação à Distância e a emissão de certificados de participação também foram apontados como mais uma ferramenta de capacitação como de valorização do trabalho das professoras. No que se refere às Ciências Humanas, as professoras destacaram a maior regularidade de treinamentos, melhor suporte técnico-pedagógico e maior dinamismo da equipe do programa.

Os resultados

Nas narrativas, Radi observou que os projetos exigem das professoras muita dedicação extra na forma de horas adicionais de atividades, inclusive aos finais de semana. “Assim os projetos se irradiaram para muito além dos portões das escolas; profissionais liberais, empresas privadas, organizações não governamentais, autoridades municipais, Igreja, órgãos públicos, imprensa, cooperativas, instituições de saúde e proprietários rurais foram envolvidos na execução das atividades, as quais, frequentemente, transformaram-se em uma ação continuada”, apontou.

Na sua conclusão, professor Radi afirmou que o Agrinho trouxe significativas contribuições não apenas para as escolas, mas também para as comunidades de entorno, uma vez que as mudanças ocorridas ao longo do tempo aprimoraram e expandiram os benefícios educacionais do programa. Estes benefícios podem ser sintetizados em duas dimensões: uma teórica e outra prática.



AS PEDRAS E SEUS MISTÉRIOS



O Trono do Pavão onde ficava exposto o Koh-i-Noor

Todos os anos, mineradoras de todos os tamanhos e garimpeiros individuais extraem perto de 130 milhões de quilates de diamantes – algo como 26 toneladas. A esmagadora maioria é de pedras pequenas e de baixa qualidade. Esses não são usados para a fabricação de joias e são destinados à indústria, que produz brocas e instrumentos de corte de precisão. Umhas poucas unidades, pelo seu tamanho ou beleza, ganham destaque e acabam entrando para a História. Desses, nenhum se compara ao Koh-i-Noor e ao Hope.

Eles não são os maiores diamantes já descobertos – essa distinção pertence ao Cullinan, gema descoberta pelo britânico Thomas Cullinan na África do Sul, em 1905; a pedra foi dividida em 105 brilhantes menores, o maior dos quais figura na ponta do cetro usado pelos reis da Inglaterra. O que se destaca no Koh-i-Noor (que significa Montanha de Luz em persa)

e no Hope (Esperança, em inglês) é a sua trajetória e as lendas ligadas a eles.

Do Koh-i-Noor, diz-se dele que seu dono será sempre um grande governante, mas que nunca deve ser usado por um homem. Sua história é recheada de aventuras, escapadas e roubos. Na primeira vez que se ouviu falar do Koh-i-Noor, ele pertencia ao rajá de Malwa, na região Centro-ocidental da Índia. O imperador Shah Janan – o mesmo que construiu o Taj Mahal, também na Índia – colocou-o com destaque no Trono do Pavão, de onde ele e seus sucessores comandaram seu império, a partir da cidade de Delhi. Foi o tempo mais longo que o diamante permaneceu sob o mesmo teto. Lá ele ficou até 1739, quando o xá Nadir, da Pérsia, invadiu a Índia e levou o diamante como seu principal troféu.

Nadir foi assassinado em 1747 por um de seus comandantes militares, o general Ahmad Shah Durrani, que mais tarde tornou-se emir do Afeganistão. Durrani levou consigo a pedra, que usava para adornar seus turbantes. O Koh-i-Noor passou de pai para filho por três gerações da família Durrani, até a deposição do emir Shujah Shah, que fugiu com ele para o Paquistão. Lá, foi forçado a entregar a pedra para o marajá de Lahore, Ranjit Singh.

Singh unificou o Império Sikh, que chegou a ocupar um terço da atual Índia e a maior parte do atual Paquistão. Passou para mãos inglesas quando tropas britânicas derrubaram o Império Sikh, em 1850. A pedra foi oferecida à rainha Vitória. A monarca achou que seu brilho era pouco intenso, e mandou submetê-la a uma nova lapidação. O Koh-i-Noor perdeu quase metade de seu tamanho – passou de 180 para 108 quilates – e é hoje a principal pedra na coroa usada pela rainha Elisabeth. Passou pela cabeça de três rainhas, mas nenhum rei inglês quis usá-la, talvez por temer seu passado.



A coroa inglesa, com o Koh-i-Noor no centro

Já o Hope é tido como o “diamante da morte”. Em três séculos, pelo menos 20 mortes já foram atribuídas à paixão que ele desperta. A lenda diz que a primeira destas mortes foi de um sacerdote hindu, que a teria roubado de um templo. Quando descoberto, foi torturado e morto.

Acredita-se que o Hope chegou à Europa em 1642 pelas mãos de um contrabandista francês, chamado Jean Baptiste Tavernier, que obteve larga soma em dinheiro com sua venda. O dinheiro foi consumido nas mesas de jogo, a ponto de Tavernier ter de voltar à Índia em busca de melhor sorte. Morreu por lá, atacado por uma matilha de cães selvagens.

No século XVII, a pedra – chamada então de *Le bleu de France*, O Azul da França – pertenceu aos reis franceses, a partir de Luís XIV (conhecido como o Rei Sol). Ficou com a casa real até sua deposição pela Revolução Francesa, em 1792. Seus últimos donos, o rei Luís 16 e a rainha Maria Antonieta, foram guilhotinados.

Por 40 anos, seu destino foi desconhecido, embora boatos o associem a uma série de eventos, inclusive a morte da imperatriz russa Catarina, a Grande, vítima de um derrame em 1796. Acabou por aparecer em mãos do milionário britânico Henry Thomas Hope, que lhe deu o nome atual.

Em 1911, o Hope foi parar nos Estados Unidos, pelas mãos do comerciante Ned McLean. Os negócios da família McLean, entretanto, foram mal. Quando da morte de Evalyn

Walsh McLean, em 1947, a pedra foi leiloada para pagar dívidas.

Foi comprada pelo joalheiro Harry Winston, que acabou por doá-la ao Instituto Smithsonian, ligado ao governo dos Estados Unidos e responsável por vários museus de Washington. Ele está em exposição hoje no Museu Nacional de História Natural da cidade.

Ao que parece, assim termina a maldição da pedra.

Será?



Xá Nadir, da Pérsia, manteve o diamante até ser assassinado por um de seus generais



O Hope, exposto em um museu de Washington



A hora do nabo forrageiro

Cooperativa Agrária lança duas novas cultivares da planta, cujo papel é importante no manejo e conservação do solo



As duas variedades de nabo forrageiro desenvolvidas pela Fapa

A Fundação Agrária de Pesquisa Agropecuária (Fapa), da Cooperativa Agrária, lança na próxima terça-feira, dia 20 de outubro, duas novas cultivares de nabo forrageiro: Pé de pato e Trado. As variedades serão apresentadas durante a 11ª edição do WinterShow 2015, em Entre Rios.

Ao longo de 10 anos, pesquisadores da instituição se dedicaram no melhoramento genético de cultivares da família das crucíferas, cientificamente conhecida por *Raphanus sativus* L.. A planta apresenta um sistema radicular agressivo e profundo, com elevada capacidade de reciclar nutrientes, principalmente enxofre e nitrogênio. “O nabo forrageiro é uma planta de cobertura e conservação de solo, com adubação e a produção de palhada para a prática de sistemas conservacionistas, como o plantio direto. Por isso é uma ótima opção para a rotação de culturas”, explica o engenheiro-agrônomo Leandro Bren, coordenador da Fapa.

Leandro observa que o plantio direto é utilizado durante vários anos como estratégia de preservação da água e do solo na região de Guarapuava. O avanço das tecnologias resultou em uma

alta produtividade, aliada à precocidade nas culturas de soja e milho, por exemplo. Dessa forma, o solo passou a ficar descoberto por um período médio de três meses após a colheita de verão de soja e milho (entre final de março até o começo de abril) até o plantio das culturas de inverno, como o trigo e a cevada. “A planta só tem a somar no sistema produtivo, como uma quarta cultura quando se trata de gramíneas (milho, trigo e cevada) e leguminosas (soja e feijão). Nós vamos ter uma oportunidade de fazer uma rotação de culturas, com uma cobertura diferenciada”, comenta.

Segundo ele, há cinco anos os produtores da região deixaram de investir no plantio do nabo forrageiro devido a diversos fatores, entre eles a falta de sementes registradas no mercado. “A Fapa vai comercializar nos próximos dois anos duas variedades que poderão ser usadas nas pré-culturas de verão e inverno. Dessa forma podemos melhorar o sistema de plantio direto, com uma cobertura de solo em tempo integral, favorecendo a reciclagem de nutrientes e otimização do uso de nitrogênio pelas gramíneas no verão”, avalia.



Leandro Brein: "Com o nabo nós vamos melhorar o sistema de plantio direto"

As vantagens

A engenheira-agrônoma e pesquisadora Sandra Vieira, da Fapa, avaliou o uso do nabo no pré-cultivo de milho, trigo e cevada. Segundo ela, o ciclo da planta é mais longo na primeira cultura, com a duração de quatro meses (junho, julho, agosto e setembro). No caso do milho, a maior vantagem é o fato de a planta reduzir a adubação nitrogenada antes da realização do plantio. De acordo com Sandra, o nabo absorve o nitrogênio que está nas camadas inferiores do solo e, dessa forma, quando é realizado o manejo da planta, seja pela aplicação de herbicidas ou rotação, ela libera esse elemento químico, que retorna ao solo e fica disponível para a cultura de milho.

"Na aplicação de nitrogênio no solo, por exemplo, o produtor economiza em torno de 40 quilos do produto por hectare. O maior volume de palha produzida pelo nabo significa economia ao produtor rural", argumenta.

Em relação às culturas de trigo e cevada, Sandra comenta que o ciclo do nabo é menor, uma média de três meses, entre março, abril e maio. Com isso, os benefícios do uso da planta são menores em comparação ao milho. Mas, mesmo assim, rende ao produtor uma economia de 20 quilos de nitrogênio por hectare na aplicação do solo.

Segundo a pesquisadora, o manejo ou corte do nabo com herbicidas ou rolo-facas ocorre após o plantio (90 dias no caso das culturas de inverno e 120 dias para o milho), quando a planta já está na fase final de floração. A incorporação ao solo pode ser feita com grade aradora com muita facilidade, pois a planta possui bastante água em sua composição. Quando se trata do plantio direto, o manejo deve ser feito com roçadeiras ou rolos-facas, deixando-se toda a massa sobre o solo.

As variedades

O engenheiro-agrônomo Juliano Luiz de Almeida, também pesquisador da Fapa, explica que as sementes das novas cultivares Pé de Pato e Trado são certificadas e livres da esclerotínia, uma praga provocada por fungos que afeta as hortaliças. Ambas são tolerantes à geada e indicadas para o plantio de cobertura, também conhecido como plantio de outono na região de Guarapuava.

A primeira variedade possui um ciclo mais longo, por isso é recomendada para a cultura de milho. De acordo com Juliano, ela apresentou um rendimento 6% superior na produção de matéria seca na comparação com a variedade Testemunha (IPR 116), do Instituto Agronômico do Paraná (Iapar).

A segunda cultivar tem um ciclo precoce e é indicada como pré-cultura do plantio de culturas de inverno. "Ela fecha o solo rapidamente, formando a matéria seca antes do plantio das culturas de inverno", descreve o pesquisador. "Nós desenvolvemos novas tecnologias para atender as necessidades da Agrária e do produtor rural", diz Leandro.

Conservação

Na avaliação do pesquisador da Embrapa Soja, Júlio Cesar Franchini dos Santos, o cultivo do nabo forrageiro na rotação e diversificação de culturas é uma ótima opção para o produtor rural. "A planta de cobertura, de adubação verde, é um investimento e potencializa o sistema de produção. Certamente é uma ótima opção para o produtor que, além de estar preservando o uso do seu solo vai obter uma produtividade maior no manejo de outras culturas", avalia.



Julio Cesar: "A planta de cobertura, de adubação verde é um investimento"

Emater debate práticas de conservação

Evento foi realizado em Santa Isabel do Oeste, em 8 de outubro



Com objetivo de conscientizar os produtores rurais da região para a importância de um manejo correto de solo, a Emater de Santa Isabel do Oeste realizou, no último dia 8 de outubro, um Dia de Campo na propriedade da família Funghetto, localizada na Linha Sarandi. Participaram do evento cerca de 200 produtores da região, que puderam atualizar os conhecimentos e conhecer as novidades sobre as práticas de preservação do maior patrimônio de uma propriedade: solo.

Um dos principais problemas nesta área, que vem

reaparecendo com força em algumas regiões do Estado, é a erosão. Depois de anos de controle, nos quais os produtores aplicaram corretamente as práticas de conservação, muitos acabaram descuidando deste trabalho, principalmente no que se refere à manutenção dos terraços (murunduns).

O Paraná chegou a ser referência em manejo correto de solo na década de 90, mas descuidou-se das técnicas de manejo nesta área e alguns problemas que estavam há muito tempo sumidos voltaram a aparecer. No caso do terraçamento, muitos produtores eliminam os terraços para permitir a passagem de máquinas agrícolas de maior porte. Com isso, a erosão e outros problemas voltaram a surgir.

A propriedade escolhida para o Dia de Campo tem 77,4 hectares, dos quais 68,9 são ocupados com lavouras e pastagens. Há algum tempo, seus proprietários perceberam os riscos de negligenciar a manutenção do solo e voltaram a adotar uma rotina de conservação e cuidado.

Ao longo do Dia de Campo, os participantes puderam conferir o que deu certo e o que deu errado no sistema de plantio direto no Sul do Brasil. Em uma das etapas da atividade, um simulador de chuvas mostrou a diferença do efeito da água em um solo com e outro sem cobertura.

Invasões são discutidas em Brasília

Audiência pública foi na Comissão de Agricultura, Pecuária, Abastecimento e Desenvolvimento Rural da Câmara Federal



No último dia 8 de outubro, a Comissão de Agricultura, Pecuária, Abastecimento e Desenvolvimento Rural da Câmara Federal realizou uma audiência pública em Brasília para debater as invasões de áreas produtivas no Paraná. Nos últimos meses, o Estado foi alvo de diversas ações do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), em propriedades rurais e estações de pesquisa. Foi o caso da Fazenda Figueira, em Londrina, onde funcionava uma estação de pesquisa da Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz (Fealq), e da Fazenda Capão do Cipó, em Castro, também dedicada à pesquisa. Outro caso que ganhou destaque na reunião foi a invasão da fazenda Araupel, em Quedas do Iguaçu.

Convocada pelo deputado federal Alfredo Kaefer (PSDB-PR), a audiência contou com a presença do assessor jurídico da FAEP, Klaus Kuhn, que destacou a necessidade de uma ação efetiva dos órgãos competentes para que os direitos do produtor rural não sejam vilipendiados. “O direito à propriedade precisa ser respeitado, hoje temos um clima de total insegurança jurídica no campo. É preciso mobilizar a sociedade e as autoridades para que o problema fundiário seja resolvido de maneira justa e não tomando a terra de

quem produz, paga impostos e gera empregos”, avalia.

Apenas neste ano foram 20 novas invasões no Paraná, seis a mais do que no ano passado inteiro. No total existem 72 conflitos por terra no Estado, sendo 59 em fase de negociação com o Incra e 13 em discussão na justiça, com pedido de reintegração de posse.

Os prejuízos das invasões são difíceis de serem quantificados. Apenas na Araupel, segundo a assessoria da companhia, essa cifra seria de R\$ 18 milhões. Em agosto os invasores incendiaram uma área de 3 milhões m² quadrados de reflorestamento e 500 m² de mata nativa. Em outras propriedades há vandalismo em máquinas e equipamentos, roubo e morte de animais, entre outros crimes.

A sociedade civil vem se manifestando contra as invasões do MST. Em agosto, centenas de pessoas de diversos distritos da região de Quedas do Iguaçu protestaram contra a invasão. Em Castro, um tratorado dos agricultores foi organizado em protesto à invasão da estação de pesquisa da Fundação ABC, onde são realizados experimentos científicos na área agropecuária.

Participantes

Participaram da audiência pública o superintendente do Incra no Paraná, Nilton Bezerra Guedes; o secretário de Segurança Pública do Paraná, Vagner Mesquita de Oliveira; o coordenador de Mediação dos Conflitos da Terra da Secretaria de Segurança Pública do Paraná, Major Valdir Carvalho de Souza; o prefeito de Quedas do Iguaçu, Edson Juscemar Hoffmann; além de representantes da fazenda Araupel. O representante do MST no Paraná, Roberto Baggio, foi convidado, mas não compareceu.

A liderança é do Sul

Região produziu 12,2 bilhões de litros em 2014 ultrapassou o Sudeste como principal bacia do país

Silvia Digiovani | Departamento Técnico Econômico da FAEP



Segundo dados divulgados em 11 de outubro pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Brasil produziu 35,17 bilhões de litros de leite em 2014, sendo 2,7% a mais que em 2013. Foi uma redução e tanto na taxa de crescimento: de 2012 para 2013 a produção havia aumentado 6%.

Entre as três maiores regiões produtoras, o Sul foi onde a produção mais aumentou (3,6%), enquanto no Sudeste a elevação foi de 1,2%. No Centro-Oeste houve queda de 0,9%. Com isso, o Sul passou à frente do Sudeste e tornou-se a primeira bacia leiteira nacional, com produção de 12,20 bilhões de litros em 2014.

O Paraná manteve a posição de 3º maior produtor de leite, com 4,53 bilhões de litros ficando atrás de Minas Gerais (9,37 bilhões de litros) e Rio Grande do Sul (4,68 bilhões). O quadro registra as produções de leite em 2013 e 2014 no Brasil e suas regiões, nos principais Estados e o percentual de variação da produção.

PRODUÇÃO DE LEITE NO ANO DE 2014 (bilhões de litros)

Brasil, Regiões e Estados Selecionados.	2014	2013	Variação % 2014/2013	Variação % 2013/2012
Brasil	35,17	34,2	2,7	6
REGIÕES BRASILEIRAS				
Sudeste	12,17	12,0	1,2	4
Sul	12,20	11,8	3,6	10
Centro-Oeste	4,97	5,0	-0,9	4
Nordeste	3,89	3,6	8,1	3
Norte	1,95	1,8	5,4	6
OS 7 PRINCIPAIS ESTADOS PRODUTORES POR ORDEM DE PRODUÇÃO				
1º Minas Gerais	9,37	9,3	0,75	5
2º Rio Grande do Sul	4,68	4,5	4,00	11
3º Paraná	4,53	4,3	5,35	10
4º Goiás	3,68	3,8	-3,16	6
5º Santa Catarina	2,98	2,9	2,76	7
6º São Paulo	1,78	1,68	5,95	-1
7º Bahia	1,21	1,16	4,31	8

Fonte-IBGE - elaboração DTE/FAEP



O rebanho nacional de vacas ordenhadas teve acréscimo de 0,48% em relação a 2013, atingindo 23.064.495 cabeças. Entre os três estados com maior rebanho Minas Gerais está em 1º lugar com 5.808.524 cabeças ordenhadas, seguido por Goiás, com 2.658.373 cabeças e Bahia com 2.068.800. Chama atenção o fato de ter havido redução no rebanho de vacas ordenhadas em seis dos sete maiores Estados produtores, exceção apenas para o Paraná, onde houve aumento de 0,48%.

A produtividade média brasileira ficou em 1.525 litros de leite por vaca no ano de 2014, aumento de 2,21% em relação ao ano anterior. A região Sul apresentou os maiores índices de produtividade, tendo o Rio Grande do Sul na liderança com 3.034 litros por vaca, seguido por Santa Catarina (2.694) e Paraná (2.629).

Oeste à frente

No Paraná a região Oeste voltou a liderar o ranking de produção de leite, passando à frente da Sudoeste, que em 2013 havia assumido a primeira colocação. Essas duas regiões são responsáveis por 48% da produção estadual de leite e em produtividade perdem apenas para região Centro-Oriental.

O crescimento da região Centro-Sul continua expressivo, ao ponto de aproximar-se da região Centro-Oriental em volume de produção, com aumento de 21,5% na produtividade.

Entre os municípios brasileiros Castro é o primeiro colocado em volume de leite produzido em 2014: 239 milhões de

litros, uma diferença a favor de 54% em relação a produção de Piracanjuba (GO) município colocado em 2º lugar.

Ressalte-se que, apenas a título de comparação, a soma dos 30 maiores municípios corresponde a uma produção 5,5% maior do que produziu em 2014 o Estado de Santa Catarina, 5º maior produtor nacional de leite.

Municípios produtores

2014		
	Município	Produção (Mil Litros)
1º	Castro - PR	239.000
2º	Piracanjuba - GO	154.800
3º	Patos de Minas - MG	148.757
4º	Jataí - GO	144.700
5º	Carambeí - PR	130.000
2013		
1º	Castro - PR	230.700
2º	Morrinhos - GO	165.495
3º	Patos de Minas -MG	155.023
4º	Piracanjuba - GO	147.490
5º	Jataí - GO	143.100

Fonte-IBGE - elaboração DTE/FAEP

Ofício

A superintendência do SENAR-PR recebeu ofício da Associação Municipal dos Avicultores de Chopinzinho (Asmac), em que agradece pela realização do curso *Ambiência na Avicultura de Corte*, do qual participaram 14 pessoas ligadas ao setor avícola. O curso foi realizado no CTA de Assis Chateaubriand. A Asmac destacou que já qualificou mais de 75 avicultores por meio do SENAR-PR, em parceria com o sindicato rural local, em cursos como *Eletricista e Avicultura de Corte*. “As informações técnicas recebidas levaram muitos conhecimentos que nós, avicultores com muitos anos de atividade, não tínhamos”, escreve o presidente da Asmac, Juarez Pompeu. “Agradeço ao SENAR-PR, a FAEP, a toda a equipe do CTA de Assis, a instrutora Dra. Jaciane Klank, que juntos fazem a diferença na capacitação e qualificação da base produtora do setor agropecuário do Paraná.”

A avicultura é a segunda maior atividade econômica de Chopinzinho, tendo gerado em 2014 R\$ 74,7 milhões – perde apenas para a soja, que comercializou R\$ 76,6 milhões. O município tem perto de 2

milhões de aves alojadas. O número de aves cresceu 17,6% no ano passado. Já o valor comercializado cresceu 20%. “Nossa associação procura fortalecer toda a cadeia avícola, buscando sempre uma maior receita e representando toda a classe junto aos três poderes, executivo, legislativo e judiciário”, diz Pompeu.



Recadastramento

Em 2009 a Agência Nacional de Transportes Terrestres (ANTT) implantou um cadastro para veículos que transportam cargas no país. A Resolução nº 3.056 determina que a cada cinco anos se

faça o recadastramento desses veículos. O processo deve ser feito por pessoas físicas e pessoas jurídicas que prestam serviços remunerados nesse segmento. Os produtores rurais que tenham caminhões para uso próprio não se enquadram nessa legislação. Nos próximos dias a ANTT vai divulgar uma normatização sobre o recadastramento.

Carta

Prezados(as) Senhores(as)

Agradeço o envio do Boletim Informativo, publicação semanal do Sistema da Federação da Agricultura do Estado do Paraná - FAEP.

Parabenizo a coordenação de Comunicação Social, o editor, os redatores, os diagramadores e ilustradores, desejando que continuem firmes e preocupados com informações de qualidade, com a escolha de temas pertinentes à época e com artigos capazes

de esclarecer, instigar a curiosidade e provocar questionamentos.

Desejo que continuem trabalhando com muito dinamismo, em defesa de uma agricultura sustentável e capaz de gerar saúde e bem-estar na população.

Abraços a todos(as),

Flávio Arns

Secretário para Assuntos Estratégicos – SEAE

Pecuária moderna

“Não há uma expectativa de aumentarmos o rebanho bovino de corte no Paraná, mas temos capacidade de produzir uma carne de qualidade. O Plano Integrado de Desenvolvimento de Bovinocultura de Corte do Paraná, resultado da parceria entre os setores público e privado, vai estimular o produtor a adotar práticas que, certamente, vão fazer a diferença na produção de carne bovina.” A avaliação é de Inácio Kroetz, diretor-presidente da Agência de Defesa Agropecuária do Paraná (Adapar).

Nos dias 14 e 15 de outubro, Inácio participou dos seminários para a apresentação do plano e formação dos comitês gestores em Cascavel, Umuarama e Cidade Gaúcha, respectivamente. “Produzir um boi no arenito é diferente do animal criado no Sul do Paraná, por exemplo, porque cada região possui as suas peculiaridades. Com os comitês é possível adequar uma estratégia de fortalecimento da produção de carne, com sanidade, genética, boa alimentação, entre outros fatores, de acordo com as características de cada região”, avaliou.

A programação dos seminários segue para Campo Mourão (16 de outubro), Francisco Beltrão (20), Pato Branco (21), Cornélio Procópio (27) e Santo Antônio da Platina (28). O itinerário completo dos próximos encontros regionais você pode conferir em nossa página www.sistemafaep.org.br



Informe

FUNDEPEC-PR

SÍNTESE DO DEMONSTRATIVO FINANCEIRO FINDO 30/09/2015



HISTÓRICO/CONTAS

HISTÓRICO/CONTAS	RECEITAS EM R\$			DESPESAS EM R\$			SALDO R\$	
	REPASSE SEAB		RESTITUIÇÃO DE INDENIZAÇÕES	RENDIMENTOS	TRANSFERÊNCIAS	INDENIZAÇÕES		FINANCEIRAS /BANCÁRIAS
	1-13	14						
Taxa Cadastro e Serviços D.S.A	403.544,18	-		138.681,09	**542.225,27	-	-	
Setor Bovídeos	8.444.549,48	278,44		29.664.020,29		2.341.952,64	36.303.405,99	
Setor Suínos	10.323.319,02	2.210.606,80		3.098.136,71		181.518,99	15.450.543,54	
Setor Aves de Corte	1.481.958,15	2.342.576,48		3.025.928,41		-	6.850.463,04	
Setor de Equídeos	53.585,00	23.737,78		121.455,25		-	198.778,03	
Setor Ovinos e Caprinos	123,76			11.983,76		-	17.822,37	
Setor Aves de Postura	37.102,41	46.905,50		151.488,10		-	235.496,01	
Pgto. Indenização Sacrifício Animais *	-	-		-		*141.031,00	(141.031,00)	
CPMF e Taxas Bancárias	-	-		-		77.567,43	(77.567,43)	
Rest. Indenização Sacrifício Animais *	-	-	*141.031,00	-		-	141.031,00	
TOTAL	20.744.182,00	4.624.105,00	141.031,00	36.211.693,61	**542.225,27	2.664.502,63	58.978.941,55	
SALDO LÍQUIDO TOTAL							58.978.941,55	

NOTAS EXPLICATIVAS

1) Repasses efetuados pela SEAB/DEFIS de acordo com o convênio: 1º - 14/12/2000 >> R\$ 500.000,00 | 2º - 23/07/2001 >> R\$ 2.000.000,00 | 3º - 04/09/2001 >> R\$ 380.000,00 | 4º - 28/12/2001 >> R\$ 2.120.000,00 | 5º - 21/05/2002 >> R\$ 710.000,00 | 6º - 26/07/2002 >> R\$ 2.000.000,00 | 7º - 16/12/2002 >> R\$ 2.167.000,00 | 8º - 30/12/2002 >> R\$ 204.000,00 | 9º - 08/08/2003 >> R\$ 600.000,00 | 10º - 08/01/2004 >> R\$ 400.000,00 | 11º - 30/12/2004 >> R\$ 1.300.000,00 | 12º - 01/12/2005 >> R\$ 1.600.000,00 | 13º - 17/12/2012 >> R\$ 6.763.182,00 | 14º - 06/08/2013 >> R\$ 4.624.105,00

2) Valores indenizados a produtores e restituídos pelo MAPA. (*)

3) Setor de Bovídeos (**)

a) Valor total da conta Taxa de Cadastro e Serviço (repassa mais rendimentos financeiros) da DSA referente ao setor de Bovídeos = R\$542.225,27

b) Valor total retido pela SEAB/DEFIS, referente ao total da conta taxa de cadastro e serviços da DSA do setor de Bovídeos = R\$ 542.225,27

4) Conforme Ofício nº 315/2004-Defis, valor transferido da subconta do Setor de Bovídeos e creditado para subconta do Setor de Ovinos e Caprinos, R\$ 5.714,85.

Ágide Meneguette
Presidente do Conselho Deliberativo

Ronei Volpi
Diretor Executivo

Simone Maria Schmidt
Contadora | CO-CRC/PR-045388/0-9

FUNDEPEC - PR - entidade de utilidade pública - Lei Estadual nº 13.219 de 05/07/2001.

CAMPINA DA LAGOA



Cerqueiro

O Sindicato Rural de Campina da Lagoa realizou nos dias 15, 16 e 17 de setembro o curso Cerqueiro - Construção de Cerca Elétrica. As aulas foram realizadas na propriedade dos produtores Marisa Istaki e Joaquim Veloso. Participaram oito produtores e trabalhadores rurais, que tiveram como instrutor Marcos César Pereira.

ASTORGA



Inclusão Digital

O Sindicato Rural de Astorga, em parceria com o Núcleo Feminino da Cooperativa Agroindustrial Nova Produtiva, promoveu no mês de agosto o curso de Inclusão Digital – Introdução à Informática. Participaram 11 produtores rurais, com o instrutor Alex Fernandes de Almeida.

SÃO MATEUS DO SUL



Molhos e temperos

O Sindicato Rural de São Mateus do Sul realizou, em parceria com a Emater, nos dias 17 e 18 de agosto o curso Produção Artesanal de Alimentos - Conservas Molhos e Temperos. Participaram 14 produtoras, orientados pela instrutora Simone Retzlaff.

LONDRINA



Manejo e ordenha

O Sindicato Rural de Londrina realizou, em parceria com Prefeitura, Emater e a Universidade Norte do Paraná (Unopar), nos dias 12 a 14 de agosto, o curso Trabalhador na Bovinocultura de Leite - Manejo e Ordenha - instituições de ensino. O grupo, de nove participantes, teve como instrutor Newton Jodas Gonçalves.

SAPOPEMA



Comunicação

O Sindicato Rural de Sapopema realizou em sua extensão de base em São Jerônimo da Serra o curso de Gestão de Pessoas - Comunicação e Técnicas de Apresentação, nos dias 3 e 4 de julho. Participaram 14 produtores rurais, com a instrutora Carmen Mercedes Zuan Benedetti.

CIANORTE



Gestão de Pessoas

O Sindicato Rural de Cianorte realizou nos dias 20 e 21 de agosto o curso Gestão de Pessoas – Comunicação e Técnicas de Apresentação. Participaram 18 produtores rurais com o instrutor Francisco José Bochi.

CORNÉLIO PROCÓPIO



Pupunha

A pupunheira é uma palmeira nativa da região Amazônica e é consumida, na forma de frutos ou de palmito, por ser uma excelente alternativa de cultivo para a agricultura sua produção tem crescido significativamente. O grupo Mulheres em Ação do Sindicato Rural de Cornélio Procópio visitou o Sítio Monte Alto, de propriedade de Gesuíno Lázaro, no Distrito do Cedro, em Nova América da Coluna, grande produtor de pupunha da região. A ideia foi conhecer a produção, mão de obra e rentabilidade dessa cultura e oportunizar uma nova forma de subsistência no campo.

RONDON



Alistamento

O Sindicato Rural de Rondon participou do compromisso à bandeira, realizado no dia 16 de setembro por 97 jovens. Estiveram presentes produtores rurais, representando o sindicato rural; o vice-prefeito Alexandre Giuliangeli; o secretário da Junta Militar, Ivo Valoto; o tenente do Exército Paulo Ricardo Teixeira de Freitas e o sargento João Carlos Missias da Silva, instrutor do Tiro de Guerra. O evento aconteceu no Ginásio de Esportes da cidade, com a colaboração do prefeito Roberto Corredato.

Uma simples foto



Se você tiver uma foto curiosa, expressiva, mande para publicação pelo email: imprensa@faep.com.br com seu nome e endereço.

Velhinhas

As árvores mais antigas que se conhece são pinheiros pertencentes ao gênero *Pinus longaeva* (foto), nativas da costa Oeste dos Estados Unidos. Todas têm mais de 4.800 anos de idade. No Brasil, a planta mais velha conhecida é um jequitibá rosa de 49 metros de altura apelidado de Patriarca da Floresta. Ele fica no Parque Estadual Vassununga, em Santa Rita do Passa Quatro, no Estado de São Paulo, e tem cerca de 3 mil anos de idade.



Nero e o violino

Talvez o leitor já tenha ouvido que o imperador Nero ordenou que seus soldados provocassem um grande incêndio em Roma, e tocou violino enquanto a cidade pegava fogo. Essa é uma das muitas lendas que se confundem com a História. Mesmo quando Nero era vivo, muitos o culpavam pelo grande incêndio que destruiu boa parte de Roma no ano 64. A principal razão disso foi que a região arrasada foi usada por ele para construir um novo e luxuoso palácio – que não poderia ser levantado se a região não fosse evacuada e se os prédios que haviam lá não fossem demolidos. Mas mesmo os historiadores mais críticos nunca deram isso como certo, e a maioria diz que ele estava na vila de Antium, a 80 quilômetros de Roma, quando o incêndio teve início. A Nero cabe, portanto, o benefício da dúvida. Quando ao caso do violino, não é preciso pesquisar muito. O instrumento não foi inventado antes do século 11. (abaixo Nero em pintura do inglês John William Waterhouse, de 1878)



Onda de destruição

Os tsunamis são enormes ondas provocadas por terremotos submarinos. A força irresistível das ondas destrói tudo o que encontra pela frente – casas, pontes, plantações, nada escapa. O pior de todos eles foi o da Indonésia, em 2004. Estima-se que 230 mil pessoas tenham sido mortas. Seis dos dez tsunamis mais violentos de que se tem notícia ocorreram no Japão – o mais recente deles, em 2011, causou perto de 18 mil mortes. A localização do país, em meio a uma área bastante sujeita a terremotos faz com que lá o risco seja maior.



O Cerco de Lisboa

O mês de outubro marca o aniversário da batalha que mudou o rumo da história de Portugal e Espanha. Depois de um cerco que durou quatro meses, em 25 de outubro de 1147 o exército da jovem nação portuguesa derrotou os mouros e assumiu o controle de Lisboa – naquela época, a capital do reino era Coimbra. O contingente português – comandado pelo rei D. Afonso I (na gravura) – foi reforçado por um grupo de combatentes da Alemanha, Holanda, França e Escócia que se preparavam para combater os muçulmanos na Terra Santa. A tomada de Lisboa (que se tornou a capital portuguesa no século seguinte) é tida como a única vitória dos cristãos na Segunda Cruzada.



Em primeira mão

O menino volta entusiasmado do seu primeiro dia na escola. Ao chegar em casa, diz para a mãe:

— Manhê!!! Hoje a professora ensinou pra gente qual é a mão direita!

— Muito bem. Mostre ela para a mamãe.

Orgulhoso, o garoto apresenta para a mãe a mão direita.

— Ótimo! Parabéns! Agora me mostre a mão esquerda!

O garoto fica todo desapontado.

— Ah, isso eu não sei... Acho que ela só vai ensinar amanhã!

O cavalo dos rios

O nome “hipopótamo” vem do grego, e significa “cavalo do rio”. Não se sabe quem escolheu esse nome, nem por que – afinal, não há semelhança nenhuma entre os dois. O hipopótamo passa até 16 horas por debaixo da água. Apesar da fama de agressivos (é o animal que causa maior número de mortes de seres humanos em toda a África), há quem deseje tê-los por perto. No início do século 20, os Estados Unidos cogitaram levar hipopótamos para os pântanos próximos a Nova Orleans, para combater uma praga de plantas aquáticas. O traficante colombiano Pablo Escobar instalou dois casais de hipopótamos em uma fazenda, perto de Medellin. O grupo se multiplicou e hoje estima-se que sejam mais de 40. Depois da morte de Escobar, os animais escaparam ao confinamento e já atacaram seres humanos e gado.



Altos e baixos

Os holandeses são o povo mais alto do mundo, com uma altura média de 1,81 metro – os homens medem em média 1,84 metro; as mulheres, 1,71. Os cambojanos são os mais baixos, com 1,603 de média. Já no Brasil, a média é de 1,72 metro para homens e 1,61 metro para mulheres.

Sereníssima república

O país independente mais antigo do mundo é San Marino, cujo nome oficial é Sereníssima República de San Marino. A nação mede apenas 61 quilômetros quadrados, tem 31.500 habitantes e fica encravada nas montanhas da região Centro-Norte da Itália. Foi fundado em 301 e sua Constituição atual está em vigor desde o século 16. San Marino adota um modelo de parlamentarismo sem igual no mundo: o país tem um Conselho (uma espécie de Senado) que escolhe dois capitães-regentes, cujas funções são equivalentes às de um primeiro-ministro. Eles devem ser de partidos diferentes, para governar com equilíbrio, e têm mandato de apenas seis meses. Uma curiosidade a mais: San Marino é o único país que tem mais carros que gente. Segundo dados do Banco Mundial, de 2010, eram 1.263 veículos para cada 1 mil habitantes.



MAURÍCIO, O MECÂNICO



O ex-prefeito de Curitiba Maurício Fruet, que foi deputado federal na década de 1980, era conhecido, entre outras coisas, por seu bom humor. Gostava de uma boa piada e de pregar aquilo que hoje costumamos chamar de “pegadinhas”. A história é uma delas, e segue abaixo conforme foi relatada pelo colunista Dante Mendonça no espaço que ocupa na Tribuna do Paraná, em 2012.

Numa daquelas tantas viagens Brasília-Curitiba, o deputado Maurício Fruet pegou um avião para Porto Alegre, com escala em Curitiba. Cansado, logo recostou a cabeça com a intenção de tirar um cochilo. Em sua volta, uma pequena algazarra provocada por um grupo de gaúchos que tomava chimarrão, contava causos e até ameaçava dançar o vanerão no corredor.

Após a decolagem, Maurício estava quase pegando no sono quando um dos gaúchos o abordou:
— Tirando uma sonequinha, tchê?
— Percebendo que não iria ficar em paz, Maurício imediatamente tratou de se livrar da gauchada.
— Não, não. Estou escutando o barulho do motor.
— Algo errado, tchê? - brincou o gaudério.

Maurício encostou o ouvido mais perto da janela e assumiu uma expressão de espanto.

O gaúcho tirou o chapéu:
— Mas o que é que está havendo, tchê? Conta pra gente!
Percebendo que havia chegado onde queria, se identificou como engenheiro da aeronáutica e, com ar

conspiratório, confidenciou ao gaúcho que estava percebendo um barulho estanho nos motores. Dito isso, Maurício se levantou e entrou na cabine do comandante. Minutos depois voltou ao seu lugar, manifestando grande preocupação. Colou novamente o ouvido na janelinha, ciente de que era observado. O gaúcho de olhos arregalados não incomodou mais e Maurício ferrou no sono de que tanto precisava.

Só acordou com o avião pousando em Curitiba. Havia esquecido do episódio e, depois de retirar a bagagem, deu uma volta pelo saguão à espera do filho e motorista Gustavo, que ainda não havia chegado.

No cafezinho, ficou surpreso ao avistar o gaúcho todo assustado que veio ao seu encontro:

— Mas bá, tchê! Tu não ias para Porto Alegre?

Maurício deu o último gole no cafezinho e respondeu:
— Vou esperar outro avião, tchê. Sou muito moço para morrer.
O gaudério só voltou para Porto Alegre no dia seguinte.

Endereço para devolução:

Federação da Agricultura do Estado do Paraná
Av. Marechal Deodoro, 450 - 14º andar
CEP 80010-010 - Curitiba - Paraná

EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS



- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Mudou-se | <input type="checkbox"/> Falecido |
| <input type="checkbox"/> Desconhecido | <input type="checkbox"/> Ausente |
| <input type="checkbox"/> Recusado | <input type="checkbox"/> Não procurado |
| <input type="checkbox"/> Endereço insuficiente | |
| <input type="checkbox"/> Não existe o nº indicado | |
| <input type="checkbox"/> Informação dada pelo porteiro ou síndico | |

REINTEGRADO AO SERVIÇO POSTAL

Em ___/___/___
Em ___/___/___

Responsável _____

SISTEMA FAEP



SISTEMA FAEP/SENAR-PR

FAEP - R. Marechal Deodoro, 450 | 14º andar | CEP 80010-010 Curitiba | Paraná |
F: 41 2169-7988 | Fax: 41 3323-2124 | www.sistemafaep.org.br | faep@faep.com.br
SENAR - R. Marechal Deodoro, 450 | 16º andar | CEP 80010-010 Curitiba | Paraná |
F: 41 2106-0401 | Fax: 41 3323-1779 | www.sistemafaep.org.br | senarpr@senarpr.org.br

A versão digital deste informativo
está disponível no site:

sistemafaep.org.br